



José Gabriel Ávila*
jgazores@gmail.com

Neurasténicos desinfectados

“É tempo de pensar se estamos a construir uma sociedade de neurasténicos desinfectados ou um mundo mais pacífico e saudável, certos de que qualquer doença é uma contingência do ser humano.”



foto de: José Gabriel Ávila

Terminadas as férias de verão nada tranquilas nem semelhantes às que nos vínhamos habituando, mantemos preocupações semelhantes e talvez ainda maiores do que as que vivemos até ao fim do confinamento. Ninguém julgava que o vírus se mantivesse à solta e ainda mais incontrolável.

Os que vivemos estes tempos vamos, seguramente, ficar afetados social, física e psiquicamente e as consequências da pandemia vão refletir-se e alterar tanto os sistemas económicos e políticos, como hábitos e vivências comportamentais.

Muito se tem falado das restrições e impedimentos ao nível dos relacionamentos sociais e familiares que afetam a manifestação de afetos, carinhos e os cumprimentos, mesmo no seio familiar.

Em pouco tempo, os impedimentos, proibições e confinamento formataram e impuseram novos hábitos e geraram medos que afetam a necessária sociabilização, os encontros, as relações de amizade, as celebrações festivas e os tempos de lazer, tão necessários à descontração e à reabilitação do ânimo coletivo sobretudo de comunidades isoladas e da população idosa. Esta foi a mais sacrificada e corre o risco do afastamento familiar se transformar num síndrome sem remédio.

Para as autoridades de saúde, o isolamento e o confinamento deram origem a um novo paradigma social. O estado democrático, transformou-se num estado pandémico e tudo passa pelo crivo da autoridade sanitária que decide, com mão forte e reprovatória, sem olhar a consequências mentais e sociais que daí possam advir.

Dá a impressão que o objetivo não é proteger a

vida e dignificar a pessoa humana, mas preservar o atual sistema económico, a todo o custo, se bem que também ele seja acusado de facilitar a pandemia, pelos atropelos ao ambiente, à natureza e à incapacidade de atender à doença e condições de vida das populações mais frágeis.

Ainda recentemente o G-7 anunciou algumas medidas para alterar o rumo da economia mundial e reafirmou propostas antigas na preservação ambiental e no perdão da dívida a países pobres.

Quem segue de perto os espaços de debate nas televisões constata que muito pouco se reflete sobre o sentido da vida e da doença, a promoção da saúde, a dignificação social dos idosos, a futura economia e as novas profissões, e que sociedade e que medidas sociais e políticas respondem às inevitáveis mutações que se avizinham.

Mesmo nesta época de campanha eleitoral, é confrangedor ouvir as propostas apresentadas pelos candidatos, a maioria das quais despidas de um projeto de desenvolvimento unificador, capaz de mobilizar os habitantes de todas as ilhas para um futuro promissor.

Neste sentido, as forças políticas seguem as reivindicações do seu eleitorado. Os empresários, penalizados pelo sistema económico em que acreditam, exigem mais e mais financiamentos governamentais para manterem as portas abertas; os trabalhadores penalizados pelo desemprego reclamam mais apoios para sobreviverem à pobreza em que vivem.

Passada a pandemia, vamos confrontar-nos com uma sociedade dividida, impreparada para responder a novas propostas industriais e comer-

ciais decorrentes do processo de digitalização e informatização que resistiu e que criou novos consumidores.

Vamos também deparar-nos com novos hábitos e comportamentos decorrentes do isolamento e do individualismo.

É que, com tantas restrições, corremos o risco de no domínio da saúde, estarmos a preparar-nos para um pico de pandemia que pode não acontecer, e de não darmos a necessária e justa atenção aos doentes com doenças cardiovasculares, diabetes e cânceros, cujo número supera em muito os afetados pela covid-19.

Com tantas restrições, esquecemos de que a educação e formação das crianças deve construir-se em ambientes alegres e felizes, na amizade e na saudável convivência; esquecemos que os adolescentes necessitam uns dos outros para formarem a sua personalidade e se integrarem em grupos mistos; esquecemos que os jovens carecem dos eventos festivos para tornarem a vida mais agradável e o convívio mais humano e pacífico; que os adultos não dispensam os momentos de diversão para retemperarem forças e se mobilizarem para os cuidados a ter com a educação dos filhos e se recompor as cansaças do trabalho e da família; e que mesmo os idosos, na etapa final da vida, merecem um descanso despreocupado, mas seguro e cuidado, assim como os afetos e carinhos dos familiares que ajudaram a crescer.

As restrições devido à covid 19 parecem-me excessivas, porque não têm em conta a forma como está a ser afetada a formação individual e coletiva, a dimensão social do ser humano.

Qual o mal ou o perigo de haver um muito mais reduzido número de adeptos nos espaços desportivos - salvaguardados, é claro, as medidas sanitárias -, se não há restrições para assistir a concertos musicais ao ar livre - e bem - ou para participar em atos de culto em recintos fechados, para frequentar espaços comerciais, ou frequentar aulas em salas fechadas? A festa é parte essencial da vida!

De há meses a esta parte, a autoridade de saúde e os governantes, preocupam-se mais em tratar da doença viral - e só temos, felizmente, 16 mortos -, menos prezando milhares de utentes sem acesso a consultas de especialidade, e um grande e crescente número de doentes está à espera de cirurgias.

É tempo de pensar se estamos a construir uma sociedade de neurasténicos desinfectados ou um mundo mais pacífico e saudável, certos de que qualquer doença é uma contingência do ser humano.

1 Out 2020 - Dia Mundial do Idoso

*jornalista c.p. 239 A
<http://escritemdia.blogspot.com>